

## Um estilo incomum de juntar quadros

Mário Schenberg, crítico de artes plásticas, físico e professor aposentado da USP, não considera que sua coleção seja das mais valiosas de São Paulo, apesar dos 15 Volpi e de quadros de Pancetti, Bonadel, Rebolo, Graciano e Mário Zanini. Centenas de óleos e desenhos compõem a coleção, mas Schenberg observa que é "pequeno o número de peças boas", sendo grande o número de primitivos e populares. Ressaltando que sua coleção "não foi constituída de maneira comum", pois sempre comprou e ganhou trabalhos dos artistas com os quais fez amizade, Schenberg declara que o critério para a constituição de sua coleção foi o seu gosto pessoal e que os artistas de que gostou — quase sempre — "acabaram adquirindo grande nome no mercado". Obras presenteadas por Pancetti e Tomie Ohtake juntam-se ao primeiro quadro de sua coleção, um Volpi comprado em 1942 por 200 cruzeiros. Um guache de Léger e alguns trabalhos de artistas americanos são as únicas obras da arte internacional que integram a coleção, obras que poderiam ser em número superior pois Schenberg — que em suas viagens pela Europa conheceu Picasso, Chagall e Guttuso — poderia ter comprado um quadro de Modigliani a 200 dólares, além de Francis Bacon, não fossem as dificuldades financeiras.

Apesar de não ter contato com o meio artístico, Schenberg há muito gostava de arte. Então, na década de 40, através do escultor Bruno Giorgi, conheceu Volpi e ficaram amigos. Ainda através de Giorgi, Schenberg conheceu os artistas que trabalhavam no antigo edifício Santa Helena — Rebolo, Bonadel, Zanini —, passando depois um período fora do Brasil e, retornando, em 1956, recomeçou a frequentar o ambiente artístico, estabelecendo contato com os integrantes do movimento concreto, em São Paulo, e neo-concreto, no Rio.

A partir de então, na década de 60, Schenberg começou a interessar-se pelos artistas primitivistas, possuindo hoje uma grande coleção de trabalhos, com os nomes mais expressivos — entre eles Valdomiro de Deus, Agostinho de Freitas, Aluísio e Maria Auxiliadora — do gênero. Juntando o que lhe agradava, Schenberg lotou sua residência e um apartamento com obras de diversas tendências e técnicas, onde ao lado de uma importante coleção de Arnaldo Ferrari, colocam-se trabalhos isolados de Tarsila do Amaral, Raimundo de Oliveira, Mário Gruber, Mira Schendel, Cláudio Tozzi, Toyota, Maria

Polo, Teresa D'Amico, Sheila Brennigan, Teixeira, Kinoshita e Moby — artista dinamarquês que é o "grande pintor das negras brasileiras", segundo o colecionador — e peças de escultura e cerâmica popular e tapeçarias.

Valor e mercado, para Schenberg, são elementos relativos, pois sofrem a influência do tempo e do espaço. Uma obra do pintor francês Meissonnier, por exemplo, alcançava no começo do século um milhão de francos-ouro e hoje vale muito menos, enquanto o fauve Van Dongen, que em seu tempo era pouco cotado, tem hoje preços ascendentes no mercado de arte internacional. O abstracionismo, que há algumas décadas praticamente monopolizava as atenções, tem passado, nos últimos tempos, por uma desvalorização gradativa do preço de suas obras, da mesma forma como ascendem os valores da arte norte-americana contemporânea. Como todo mercado, o mercado de arte também se rege pelas leis da oferta e da procura. Assim, a grande demanda de Volpis — que Schenberg considera o melhor pintor brasileiro — tem motivado as altas cotações da obra do mestre paulista, que só após os 60 anos, por ocasião de sua retrospectiva na VI Bienal, em 1961, conseguiu encontrar um mercado para seus quadros. Mercado tipicamente local — são poucos os artistas de liquidez verdadeiramente internacional — Schenberg cita o exemplo da pintura de Bonadel, que só agora, depois de morto, tem conseguido mercado no Rio de Janeiro. Internacionalmente, então, as diferenças são ainda mais acentuadas, pois nos Estados Unidos uma aquarela do norte-americano Andrew Wyeth pode ter um preço superior a um trabalho de Picasso. Mas, como regra geral, Schenberg considera justo que os grandes pintores — Volpi e Tarsila do Amaral, por exemplo — se valorizem.

Ao jovem colecionador, principalmente aquele que não tem muito dinheiro, Schenberg recomenda a compra de artistas conhecidos, mas de mercado reduzido, como Lígia Clark, Amílcar de Castro ou Mira Schendel, ou de artistas que estão participando das atuais vanguardas. Enfatizando o valor cultural que uma coleção pode chegar a adquirir — "funcionando quase como um museu" — Schenberg conta o caso do linguista Roman Jakobson que, ao contemplar em sua casa uma obra do pintor primitivo Valdomiro de Deus, disse "que se poderia escrever um livro sobre o quadro", tal a riqueza de seu universo.